

Um sertanejo Tão Solto No Cativoiro, em “Barra Da Vaca”, de João Guimarães Rosa

**Regina da Costa da Silveira
UNIRITTER**

Resumo: Ao interpretar o percurso do viajante desse conto e sua exclusão no vilarejo, o ensaio pretende oferecer pistas para promover a leitura de Guimarães Rosa nas escolas, com o objetivo de dinamizar o conhecimento da literatura em língua portuguesa junto às outras áreas de estudo na Educação Básica e em grupos de leitura que promovam a inclusão. Dentre os múltiplos traços que determinam o caráter cômico de Jeremoavo, protagonista do conto “Barra da Vaca”, em *Tutameia* Terceiras estórias, de João Guimarães Rosa, podemos destacar expressões que descrevem suas qualidades físicas e qualidades morais, em muitos casos representadas por chistes próprios da obra rosiana. Mas Jeremoavo é um estranho viajante que causa temor entre os habitantes da pequena povoação em que o sertanejo chega doente. Nesse perfil, encontra-se a aproximação entre ele e o homem, descrito por Euclides da Cunha; como indivíduo enganado, aproxima-se a Dom Quixote, de Cervantes; e, antes disso, ao herói bíblico de *Lamentações*, o que sugere a essa pequena narrativa rosiana a possibilidade de ser estudada com o método intertextual.

Palavras-chave: Herói cômico; Barra da Vaca; Chiste

Abstract: *When interpreting the course of the traveler from this story, this paper aims to offer hints to promote reading activities of Rosa in schools, so that the knowledge of Portuguese literature can be turned into a more dynamic activity alongside with other areas in Basic Education and in reading groups compromised with the promotion of inclusion. Among multiple traits that determine the comic characteristic of Jeremoavo, the protagonist of the tale "Barra da Vaca" in Tutameia Third Stories, by João Guimarães Rosa, it can be emphasized expressions that describe his physical and moral qualities, usually represented by characteristic wits of the work by Rosa. Yet Jeremoavo is a strange traveler who incites fear among the inhabitants of a small town where he arrives sick. Based on this profile, it is found the rapprochement between him and the man as described by Euclides da Cunha; as a mistaken individual, he can be compared to Don Quixote, by Miguel de Cervantes; and, before that, to the biblical hero of Lamentations, which suggests to this small narrative of Rosa the opportunity of being studied based on the intertextual method.*

Key words: *Comic hero; Barra da Vaca; Wit*

Um homem que passeia não se devia preocupar com os riscos que corre, ou com as regras de uma cidade. Se uma ideia divertida lhe vem à mente, se uma loja curiosa se oferece à sua visão, é natural que, sem ter de afrontar perigos tais como nossos avós nem mesmo puderam supor, ele queira atravessar a via.”

(Edmond Jaloux, *Le dernier flâneur, O Último Flanador*. Apud: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. p. 210)

Com o objetivo de dinamizar o conhecimento da literatura em língua portuguesa na Educação Básica e entre grupos extensionistas de leitura, uma das leituras possíveis do conto “Barra da Vaca”, de Guimarães Rosa, oportuniza discutir o tema da inclusão/exclusão. Além disso, o texto propõe exercícios intertextuais, como a retomada ao herói bíblico Jeremias, ou ao primeiro herói da modernidade, o Dom Quixote, de Cervantes. No contexto de que o herói Jeremoavo emerge no conto, podemos aproximá-lo ao perfil do sertanejo, tal como vem descrito no capítulo O homem, em *Os Sertões*, por Euclides da Cunha. A leitura do texto rosiano também enseja atividades interdisciplinares, ao representar contextos possíveis de serem situados no tempo e na geografia, além de exemplificar capacidades éticas previstas nos PCNs, com possibilidades para a implantação das leis em que se desdobra a LDB (Lei de Diretrizes e Bases).

No vilarejo, homônimo ao conto, “Sucedeu então vir o grande sujeito entrando no lugar”, “alquebreirado tonteava, decerto pela cólica dos viajantes” – “se discerniu por nome Jeremoavo” (ROSA, 1976, p. 27) e assim “*apontava de noroeste, pisando o arenoso*” (grifos meus) (Ibidem, p. 27). O nome do personagem lembra o de um jeremoabense, natural ou habitante de Jeremoabo, cidade ao noroeste da Bahia, próxima à região de Canudos e do rio Vaza-barris.

Ainda que “representado homem de bem e posses”, teve-se aí sobre ele a notícia de que era “brabo jagunço!” Assim, “Se estarreceu a Barra da Vaca, fria, ficada sem conselho. Somente alto e forte, seria um Jerê, par de Antonio Dó, homem de peleja. Encolhido modorroso, agora, mas, desfadigado, podendo se desmarcar” (Ibidem, p. 28), o forasteiro assusta o “ribanceiro arraial de nem quinhentas almas suas pequenas casas com os quintais de fundo e onde o rio é incontestável: um porto de canoas, Barra da Vaca, sobre o Urucúia” (Idem, p. 27).¹



Figura 1 - minastour.com/website/index.php?centro=cidades/. Acesso em 06/09/2010

A verdade da ficção aqui coincide com a verdade da existência, pois consta no antigo mapa da Bahia o arraial denominado Barra da Vaca. Segundo informações, foi esse o primeiro nome do atual município de Arinos. O texto rosiano alude à presença do rio que “era largo, defronte – povoação desguardada, no desbravio.” (ROSA, 1976, p. 29).

Como metodologia para o estudo desse conto, a interdisciplinaridade cedo se oferece ao leitor com possibilidades de buscar na geografia humana e física os elementos para interpretação do texto rosiano. Junta-se ao método interdisciplinar a intertextualidade, com a recorrência aos textos bíblicos e à literatura de Euclides da Cunha ou, antes dele, de Cervantes. A descrição física de Jeremoavo lembra com efeito o sertanejo descrito em *Os Sertões*, por Euclides da Cunha. Recorre-se à parte III, de *O Homem*, onde se lê:

Jeremoavo, em seu nome e perfil, lembra, a propósito, o profeta bíblico Jeremias, autor das *Lamentações*, e pelo modo como se apresenta aos moradores de Barra da Vaca – doente, “com frases pálidas”, choramingando e entre lamúrias – suas ações aproximam-se mesmo do que significa o verbo “jeremiar”.

O “desusado forasteiro” chegou na Barra da Vaca assim: “roupa parda, botinões de couro de anta, chapéu toda aba – causava riso e susto”, “tinha vergonha de frente e de perfil”. Preferia ser um desconhecido, abandonara a família que o odiava, “querendo-o morto”, na fazenda, a Dã, na chapada de Trás”. “Deixara-lhes tudo, a desdém, aos da medonha ingratidão. Só pegara o que vale, saco e dobros do diário, as armas.” (ROSA, 1976, p. 28).

A dona da pensão tratava-o com “tisanas de chá” no catre: “Domenha segurava a lamparina – para ver-lhe os olhos raiados de vermelho – a cara quase na dele encostada.” Eram seus amuletos um “rolo de dinheiro e revólver de cano de palmo”. Diante disso, Se’o Vanvães disse, determinou. Visitavam-no.” Quando melhorou, perguntando pelo cavalo, estimou a “boa respondência” (Ibidem, p. 29), a ponto de imaginar que seus filhos e a mulher haviam de saber disso, se viessem a “renegri-lo” (Idem, p. 29).

O povo do vilarejo começou a ter receio do que poderia acontecer : “tinha de ir”, “*Que fazer?!*”. Eram “eles e ele”, “Permanecia e ameaçava”, “Os meninos tinham medo e vontade de bulir com ele” (Ibidem, p. 29). Assim, as pessoas tiveram a ideia de levar Jeremoavo a uma pescaria - “E aquela aldeiazinha produziu uma ideia” - , uma festa em que “enganaram-lhe o juízo”, “De pescaria, à rede, furupa, assaz cachaças, com honra o chamaram” (Ibidem, p. 30). Bêbado o deixaram debaixo de uma árvore, o cavalo arreado, suas coisas e garrafa de cerveja. Entendeu que se voltasse não seria mais “o hóspede confuso, mas um diabo esperado, o matavam”.

Para um exercício intertextual, observa-se que Jeremoavo personifica a descrição do sertanejo, feita por Euclides:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. (...) A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.

<p style="text-align: center;">“BARRA DA VACA”</p> <p style="text-align: center;"><i>Encolhido modorroso, agora, mas desfadigado podendo se desmarcar, em qualquer repelo, tufava.</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Parecia até às vezes homem bom, sério por simpatia com integridades. Mas de não se fiar. Em-adido que no repente podia correr às armas, doidarro.</i></p>	<p style="text-align: center;">OS SERTÕES</p> <p style="text-align: center;"><i>Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. (...) Naquela organização combalida operqam-se, em segundo, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas . O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linbas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olbar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu cambestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias</i></p>
<p style="text-align: center;"><i>Andava de pé ante pé, como as antas andam</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça a trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. (...) É o homem permanentemente fatigado.</i></p>
<p style="text-align: center;"><i>Sem jeito para acabar de chegar, se escorou a uma porta, desusado forasteiro. (ROSA, p. 27).</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede</i></p>

A exclusão

É pelo caráter cômico que o perfil de Jeremoavo se aproxima à figura de um *clown*: “Seus bigodes ou a rustiquez – roupa parda, botinões de couro de anta, chapéu toda a aba – causavam riso e susto”, devendo-se a provocação do riso nos outros, de início, à aparência física, trajes e modos desajeitados do herói, uma comicidade que não se dá artificial e voluntariamente, como no caso do palhaço, mas em consonância com as observações freudianas desenvolvidas no capítulo “O chiste e sua relação com o inconsciente”. Segundo Freud:

O cômico aparece primeiramente como involuntário achado que fazemos nas pessoas, isto é, em seus movimentos, formas e traços característicos e, provavelmente, a princípio, tão somente em suas qualidades físicas, mas depois também nas morais e naquilo em que elas se manifestam (FREUD, 1958, p. 89).

Dentre os múltiplos traços que determinam o caráter cômico de Jeremoavo, podemos enumerar qualidades físicas e qualidades morais, estas últimas manifestadas por certos comportamentos do personagem que aparecem permeados pela fina ironia do narrador, em sua maioria representada por chistes tão próprios da obra rosiana. Para isso, propõe-se dividir o conto em três partes, seguindo menos a sua estrutura, como narrativa tradicional, e mais a fórmula campbelliana dos ritos de passagem, a saber, partida-iniciação-retorno.

Pode-se desdobrar o itinerário de Jeremoavo, dividindo em três partes a sua história: primeiro, assinalando a partida, quando o herói “Largara para sempre os dele” (ROSA, 1976, p. 27); “Saía ao desafio com o mundo, carecia mais do afeto de ninguém. Preferia ser o desconhecido, somenos” (Ibidem, p. 28). Nesse primeiro rito, destaca-se a expressão chistosa: “Em aflito caminho para nenhuma parte” segundo, sua chegada em Barra da Vaca, durante o período de sua enfermidade e recuperação sob os cuidados de Domenha; a estabilidade da iniciação no percurso de Jeremoavo vem expressa pelo conteúdo dos chistes que se interpõe à narrativa: “*Também o lugar podia ser o para a cama, mesa e cova – repouso – doce como o apodrecer da madeira*” (Ibidem, p. 28); “*O tempo era todo igual, como a carne do boi que a gente come.*”; “*Felicidade se acha é só em horinhas de descuido*” (Ibidem, p. 29).

O terceiro e último estágio é quando o herói deve ser afastado do lugarejo, deixado que fora pelos outros do outro lado do rio Urucuia, é quando os chistes escondem e ao mesmo tempo revelam o desamparo do herói em seu desterro, no outro lado do rio, momento em que sua alta tristeza é “*lenta como um fim de fogueira.*” (Idem, p. 30). Do imaginário popular, das Cantigas

de Serão de João Barandão, autor inventado pela imaginação popular para dar autoria a cantigas apócrifas, o texto apresenta ao final, em forma de versos que aqui alinhamos: Deu seca na minha vida/ e os amores me deixaram/ *tão solto no cativoiro* (ROSA, 1976, p. 30) (grifos meus).

Com tal divisão da narrativa, podemos observar que estamos diante de um herói cujo caráter de comicidade acha-se representado, sobretudo no início do conto, pelas qualidades físicas e morais e que, conforme o narrador rosiano, causava além do riso o susto nas crianças.

Quanto aos adultos, esses deviam tratá-lo com respeito e honra. Ora, já nos textos mais antigos, observa-se como fato comum entre certas comunidades, sobretudo rurais, a presença do desconhecido, que gera desconfiança e susto. Para lembrar que nas sagas, segundo André Jolles, o estranho é visto sempre com desconfiança o que perdura até os dias hoje, preocupações extensivas aos cuidados cada vez maiores gerados pela presença dos estrangeiros.

Entre os habitantes de Barra da Vaca, existe o medo de que Jeremoavo seja um bandido: “Sem donde saber, teve-se por aí a notícia. Era brabo jagunço! Um famoso perigoso. Alguém disse (...) um Jerê, par de Antonio Dó, homem de peleja. Encolhido e modorroso, agora, mas desfadigado podendo se desmarcar”. E do medo advém a notícia, surge o boato ou “diz-que-diz-que”: “Seo Vanvães disse a Seu Astórgio, que a Seô Abril, que a Siô Cordeiro, que a Seu Cipuca (ibidem, p. 28), evidenciando-se de que maneira corre de boca em boca a fama do herói-intruso. E, por ser temido, Jeremoavo passa a ser honrado, o que equivale dizer que ao povo do lugar era preferível contar com o jagunço como amigo a tê-lo como inimigo.

A diferença do herói face aos demais personagens é fato evidente, acompanhado do medo, do início ao final da segunda divisão que estabelecemos na narrativa. Pela intromissão do narrador, isso se torna evidente com as afirmações: “Permanecia e ameaçava. Mais o obsequiavam, os do lugar, (...) Se admiravam: *eles* e *elê*”. Com a exclusão ocorrerá, porém, a restauração da ordem e a volta à graça: “Dispersou-se o povo, pacífico. Se riam, uns dos outros, do medo geral do graúdo estúrdio Jeremoavo. Do qual ou da Domenha sincera caçoavam. Tinham graça e saudades dele.” (ROSA, 1976, p. 30).

Nesse ponto, voltamos à demonstração das técnicas que servem ao processo que coloca uma pessoa em situação cômica diante de outras. Freud observa que muitas vezes torna-se cômica uma pessoa “com o fim de mostrá-la perante as demais como desprovida de toda autoridade ou dignidade e sem direito a consideração nem respeito” (FREUD, 1958, p. 189). Como “o velho da galhofa” entre as crianças da aldeia, Jeremoavo personifica o que o ancião representa entre os cabalistas, ou seja, o “símbolo do princípio oculto”, o que no imaginário popular pode ser lembrado como “o velho do saco”, que produz sentimentos opostos e

simultâneos na criança: “Os meninos tinham medo e vontade de bulir com ele” (ROSA, 1976, p. 29).

É o herói cômico que, não obstante tenha sido chamado depois “com honra” para a festa de pescaria, conforme o texto, retorna ao terceiro e último estágio de seu itinerário para ficar definitivamente “do outro lado” do rio e dos outros, para lembrar o processo que o excluiu dos habitantes de Barra da Vaca (“eles e ele”). Bêbado, fora deixado “debaixo de sombra”, “Jeremoavo vai, foi”, expressão com economia de palavras que revela a pressa dos outros em de ele se livrarem: intento (Jeremoavo vai) e resultado (Jeremoavo foi). Herói à sombra, tal qual o *gauche* drummondiano, sem brilho em sua existência, “um diabo esperado, o matavam” (Ibidem, p. 30), caso voltasse.

Com o medo da violência e do estranho, os moradores de Barra da Vaca procuram de maneira enganosa livrar-se de Jeremoavo. Com o processo de exclusão consumado, ocorre o retorno do sossego na aldeia. Quanto ao herói, não lhe fora dada a oportunidade de mostrar a valentia, senão a dignidade e o ânimo, um estilhaço de heroísmo, impresso sobremaneira na palavra “brio” que compõe a reflexão de Jeremoavo ao acordar e se ver em completa solidão, não fosse a presença de seu cavalo raposo: “Entendeu, pelo que antes; palpou a barba de incontido brio” (Ibidem, p. 30).

Nessa reflexão, é possível perceber a imagem de um cavaleiro andante, homem nobre que, na Idade Média, sozinho ou acompanhado de seus pares, corria terras em busca de aventuras. Mas Jeremoavo apresenta-se com seu cavalo à arreata, cavaleiro a pé, puxando a cabresto seu cavalo, ou seja, à falta de jeito do cavaleiro para chegar à aldeia somava-se o penoso andar coxo do cavalo. Ao final, o “Desterrado e desfamorado”, o estranho e “confuso hóspede” torna-se familiar. Uma familiaridade que também ocorre mediante o conhecido mito do judeu errante, dado o caráter efêmero da estada do viajante. Seriam, pois, os excluídos os menos temidos pelo povo da aldeia? Como indivíduo já considerado excluído, o personagem rosiano lembra o Morto, do conto de Borges: só lhe concederam a cabeceira da mesa, só lhe concederam as honras porque já o davam por morto ou por excluído. Sua presença ocorrera desde o início marcada pela diferença: uma imagem ímpar, físico descomunal e por suposições acerca de seu caráter malévolo.

Bernardo Gersen afirma que “no Sr. Guimarães Rosa a linguagem tem necessariamente, além desse valor autônomo, uma função intermediária; a de evocar ambientes, descrever ações, delinear uma intriga, *façon viver heróis* (grifos meus). (GERSEN, 1994, p. 105). Com Jeremoavo, Rosa faz viver o herói Dom Quixote, quando o narrador assegura a

permanência de Jeremoavo longe do povoado: “Não podia torcer o passo. Topava com o vento, às urtigas aonde se mandava, *cavaleiro distraído, sem noção de seu cavalo, em direitura*” (grifos meus) (ROSA, 1976, p. 30).

Hércules-Quasímodo, Jeremoavo é herói desprovido de poder sobre os outros, a não ser pelo medo que suscitou por sua imagem de sertanejo desaprumado e de jagunço perigoso em razão de seus amuletos: rolo de dinheiro e revólver. “Tinham graça e saudades dele”. (Ibidem, p. 30). Excluído do arraial, o velho da galhofa em sua ausência traz de volta a tranquilidade e até mesmo a comicidade quando dele os habitantes se lembram: um achado involuntário como fonte de prazer.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo, Editora Moraes, 1984.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Delta, 1958.
- GERSEN, Bernardo. Veredas do Grande Sertão. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- JOLLES, André. *Formas simples*. São Paulo, Cultrix, 1995.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia* terceiras estórias. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- minastour.com/website/index.php?centro=cidades/. Acesso em 06/09/2010.

¹ Situado a margem esquerda do rio Uruçuia, afluente do São Francisco, possuía o antigo arraial, no início do século, uma escola, uma capela, uma pequena casa comercial e um estaleiro, destinado a fabricação de embarcações a vela que representavam o elo do intercâmbio comercial entre Barra da Vaca e os municípios de São Romeo, São Francisco, Pirapora e Januária. A sede do antigo distrito de Marinhos foi transferida para o Arraial de Barra da Vaca em 7 de setembro de 1923, quando recebeu a atual denominação, em homenagem ao escritor e político Afonso Arinos de Melo Franco. Em dezembro de 1962, Arinos foi elevado à categoria de município. A Reserva Biológica Sagarana, regulamentada pelo Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais (IE), constitui o principal patrimônio natural do município. minastour.com/website/index.php?centro=cidades/. Acesso em 06/09/2010

Regina da Costa da Silveira

Doutora em Letras (UFRGS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras (Uniritter),
Editora de *Nonada Letras em Revista*. E-mail: regina_silveira@uniritter.edu.br

Recebido em 30 de dezembro de 2013

Aceito em 20 de junho de 2014.